



“O OUTRO” NA ACADEMIA: O ANSEIO PELA DESCOLONIZAÇÃO DAS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES EM RELAÇÃO À ATUAÇÃO FEMININA

Alana Carla Lucena Farias*

RESUMO

Ao longo dos anos, a área das Ciências das Religiões foi sendo construída até se tornar uma disciplina autônoma. Nesse processo, diversos nomes foram destacados enquanto pilares teóricos e metodológicos da disciplina, porém, essas referências foram traçadas seguindo um padrão colonial. Desse modo, com o intuito de expandir os horizontes, epistemologias pós-coloniais são propostas por vários pesquisadores para construir um pensamento contra-hegemônico que abale as relações práticas de poder que envolvem um viés étnico, racial e de gênero. Fazendo um paralelo com gênero, epistemologias feministas têm utilizado uma hermenêutica da suspeição para questionar a dominância masculina na área. Tais abordagens podem contribuir para impulsionar um estudo das religiões mais igualitário e essas discussões são essenciais na atualidade.

Palavras-chave: ciências das religiões; descolonização; gênero.

“THE OTHER” IN THE ACADEMY: THE CALL FOR DECOLONIZATION OF RELIGION STUDIES IN RELATION TO FEMALE ACTIVITIES

ABSTRACT

Over the years, the area of Sciences of Religions was being built until it became an autonomous discipline. In this process, several names were highlighted as theoretical and methodological pillars of the discipline, however, these references were drawn following a colonial pattern. Thus, in order to expand horizons, post-colonial

* Bacharel em direito pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); graduanda em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana (FTSA); mestranda em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).



epistemologies are proposed by several researchers to construct a counter-hegemonic thought that undermines the practical power relations that involve an ethnic, racial and gender bias. Making a parallel with gender, feminist epistemologies have used a hermeneutics of suspicion to question male dominance in the area. Such approaches can contribute to promote a more egalitarian study of religions and these discussions are essential today.

Keywords: religions sciences; decolonization; genre.

“EL OTRO” EN LA ACADEMIA: LA LLAMADA A LA DESCOLONIZACIÓN DE LAS CIENCIAS DE LA RELIGIÓN EN RELACIÓN CON LAS ACTIVIDADES FEMENINAS

RESUMEN

Con los años, el área de Ciencias de las Religiones se fue construyendo hasta que se convirtió en una disciplina autónoma. En este proceso, se destacaron varios nombres como pilares teóricos y metodológicos de la disciplina, sin embargo, estas referencias se extrajeron siguiendo un patrón colonial. Por lo tanto, para ampliar los horizontes, varios investigadores proponen epistemologías poscoloniales para construir un pensamiento contrahegemónico que socava las relaciones prácticas de poder que implican un sesgo étnico, racial y de género. Paralelamente al género, las epistemologías feministas han utilizado una hermenéutica de la sospecha para cuestionar el dominio masculino en el área. Tales enfoques pueden contribuir a promover un estudio más igualitario de las religiones y estas discusiones son esenciales hoy en día.

Palabras llave: religiones ciencias; descolonización; género.

1. INTRODUÇÃO

Simone de Beauvoir inicia a sua célebre obra, *O Segundo Sexo* (2016), fazendo uma análise afirmando que a mulher se determina e se diferencia socialmente em relação ao homem, que na estrutura social ela é o inessencial perante o essencial, ou seja, o Outro em relação ao Sujeito. A autora, posteriormente, continua seu desenvolvimento alegando que “no momento em que as mulheres começam a tomar parte na elaboração do mundo, esse mundo ainda é um mundo que pertence aos homens” (p.17, 2016). Ao prosseguir com seus argumentos, ela questiona:



Mas uma questão imediatamente se apresenta: como tudo isso começou? Compreende-se que a dualidade dos sexos, como toda dualidade, tenha sido traduzida por um conflito. Compreende-se que, se um dos dois consegue impor sua superioridade, esta deveria estabelecer-se como absoluta. Resta explicar por que o homem venceu desde o início. Parece que as mulheres poderiam ter sido vitoriosas. Ou a luta poderia nunca ter tido solução. Por que este mundo sempre pertenceu aos homens e só hoje as coisas começam a mudar? Será um bem essa mudança? Trará ou não uma partilha igual do mundo entre homens e mulheres? (Simone de BEAUVOIR, 2016, p.18)

Ao ser definida como Outro, as mulheres sofreram consequências em vários âmbitos. No decorrer dos anos, os homens se destacaram pela sua atuação predominante na vida pública e isso se ratifica inclusive no ramo científico. Apesar dos diversos avanços e conquistas, tal esfera ainda é majoritariamente masculina, estando as mulheres garantindo o seu espaço e relevância atualmente. Pegando um gancho na citação de Beauvoir pode-se questionar: como tudo isso começou? Por que só hoje as coisas começaram a mudar?

O desejo de conhecer mais acerca do transcendente sempre acompanhou a humanidade em diversas civilizações. Com o processo de colonização, tal interesse se intensificou com a curiosidade dos países conquistadores acerca da cultura e dos costumes dos povos colonizados. O interesse pela tradução e compreensão dos textos sagrados cresceu e vários nomes se destacaram como estudiosos nesses ramos. Desde então, tal interesse só vem crescendo e se consolidando ao longo dos anos. As Ciências das Religiões, a partir dessa realidade colonizadora, começou a ganhar espaço no meio acadêmico enquanto área específica de conhecimento.

À medida que a área foi sendo construída e seus pilares estabelecidos, os teóricos e precursores, que hoje constituem a base e as principais referências, são na maioria homens, brancos e europeus. Desde Max Muller, considerado o pai das Ciências das Religiões, até os nomes mais recentes, a presença masculina é predominante. Isso não significa que as mulheres não estão presentes nesses âmbitos, mas sim que é difícil encontra-las com o mesmo destaque.

Parafrazeando Beauvoir, no momento em que um artigo como este está sendo escrito questionando as estruturas de poder para que as mulheres sejam vistas e comecem a tomar parte no mundo acadêmico das ciências das religiões, esse mundo ainda é um mundo que pertence aos homens. Desse modo, destaca-se a importância de construir uma visão descolonizadora das ciências das religiões, dando ênfase aos grupos vulneráveis que foram historicamente reprimidos, inclusive na academia. Dentro desse contexto, o presente trabalho trará como destaque a situação das mulheres na área, demonstrando sua posição enquanto “Outro” e não como “Sujeito”. O questionamento que norteará o desenvolvimento é: qual tem sido o lugar da mulher nas ciências das religiões e qual é a alternativa para fazê-la sujeito na área?

A primeira parte do trabalho vai traçar uma breve análise da história das Ciências das Religiões, elencando os principais nomes que foram importantes nesse processo, buscando demonstrar o quanto a área é marcada pela ausência de referências femininas. O segundo tópico trata acerca da relevância do desenvolvimento de uma visão descolonizada da teoria acerca dos estudos das religiões, como uma alternativa plural e inclusiva, trazendo à tona mulheres que contribuíram e contribuem na área, construindo novos horizontes e novas perspectivas.

A metodologia utilizada neste artigo é o método dedutivo, onde se parte de uma análise geral do tema para uma particular, acompanhando com a realização de pesquisa bibliográfica, consultando artigos científicos, autores renomados de livros, pesquisas realizadas sobre o tema, legislação, regras, princípios e por fim, documentos públicos e privados relacionados à temática.

2. A CONSTRUÇÃO DA MULHER COMO “O OUTRO” NAS CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

A religião, enquanto objeto de conhecimento científico, possui um longo processo até o seu surgimento e institucionalização como Ciências das Religiões, entre problemas envolvendo sua definição e autonomia. Tal área de conhecimento pode ser definida como



(...) um empreendimento acadêmico que, sustentado por recursos públicos, nor-teado por um interesse de conhecimento específico e orientado por um conjunto de teorias específicas, dedica-se de maneira não normativa ao estudo histórico e sistemático de religiões concretas em suas múltiplas dimensões, manifestações e contextos socioculturais. (Frank USARSKI, 2013, p. 51)

De acordo com Usarski (2013, p. 51), tal ciência busca certo nível de imparcialidade na investigação de elementos religiosos empiricamente acessíveis, tendo o objetivo de aprofundar e aperfeiçoar o conhecimento sobre os fatos da vida religiosa, sem um caráter proselitista, ou seja, sem buscar exaltar a crença do pesquisador. A sua história, porém, não se iniciou dessa forma, começando com maior força no período das grandes embarcações e descobrimentos, onde o desejo de conhecer o diferente impulsionou o surgimento de novas áreas de conhecimento.

Frank Usarski (2013, p. 52) afirma que uma das tendências principais do estudo das religiões é o crescente conhecimento sobre outras culturas, inclusive suas características religiosas. Segundo o autor, o processo de acumulação desse saber foi, por muito tempo, uma função imediata do avanço tecnológico que facilitou a comunicação entre as várias culturas. O interesse pelo estudo e conhecimento mais aprofundados das religiões se expandiu muito na época do descobrimento, ou seja, da colonização, onde a cultura e as manifestações do sagrado dos povos colonizados começaram a despertar a curiosidade dos conquistadores (Frank USARSKI, 2003, p. 18).

Do ponto de vista europeu, a filologia teve papel fundamental na segunda metade do século XVII, para que houvesse um grande salto em termos de aquisição de conhecimento (Frank USARSKI, 2013, p. 54). Nesse contexto, filólogos como Francisco Noel (1651-1729), Abraham Hyacinthe Anquetil-Duperron (1731-1805), Charles Wilkins (1749-1836), George Tornour (1799-1843), Eugène Burnouf (1801-1852), Michael Viggo Fausböll (1821-1908) são citados por terem contribuído com a tradução e estudos de diversos textos sagrados. David Hume (1711-1776) é citado como mentor precoce do estudo científico da religião, que inaugurou uma tradição do tratamento racional da religião, que no âmbito da filosofia, foi retomado por pesquisadores como Jean-Jaques Rousseau



(1712-1778), Immanuel Kant (1724-1804), Friedrich Schleiermacher (1768-1834), Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), Arthur Schopenhauer (1788-1860) e Johann Gottfried Herder (1744-1803). Johann Gottfried Immanuel Berger (1773-1803), Karl Friedrich Stäudlin (1761-1826) e Christian Wilhelm Flügge (1773-1827) também são citados, mas nenhum deles com a perspectiva do surgimento da Ciência da Religião (Frank USARSKI, 2013, p. 54).

Uma atuação decisiva foi a de Max Muller (1823-1900), indólogo alemão que desde 1854 foi professor em Oxford. No prefácio de seu livro *Chips from a German Workshop* (1867) ele declarou que o termo Ciência da Religião devia ser reservado para designar uma disciplina autônoma (Frank USARSKI, 2013, p. 56), sendo assim considerado o “pai da ciência da religião”, apesar do seu objetivo de demonstrar a superioridade do cristianismo sobre as demais religiões.

Usarski ainda trata acerca das “décadas formativas” de tal área de conhecimento, reafirmando a importância da filologia, junto com outros homens citados. Segundo ele:

Durante as “décadas formativas”, o trabalho filológico como um dos subsídios centrais para a investigação ampla e profunda de religiões concretas ganhou uma nova qualidade. Na área da sinologia destaca-se, entre outros, o escocês James Legge (1815-1897). Legge, na sua função como tradutor de diversas fontes fundamentais para a religiosidade chinesa, desempenhou um papel importante em relação à famosa seleção de *Sacred Books of the East*. Atuou junto com Max Müller como coorganizador dessa coletânea publicada entre 1879 e 1910. A série é composta por 50 volumes de textos sagrados-chave do Hinduísmo, Budismo, Taoísmo, Confucionismo, Zoroastrismo, Jainismo e Islã traduzidos por filólogos reputados, entre eles o inglês especialista em Zoroastrismo Edward William West (1824-1905), o orientalista inglês e conhecedor da língua árabe Edward Henry Palmer (1840-1882), o orientalista francês James Darmesteter (1849-1894), o indólogo alemão George Frederick William Thibaut (1848-194), o orientalista inglês e especialista na língua chinesa Samuel Beal (1825-1889) e outros, além de Müller e Legge, também os já citados especialistas Michael Viggo Fausböll e T. W. Rhys Davids. (Frank USARSKI, 2013 p. 57)

Ao lado dos avanços na filologia, na virada do século XIX para o XX, intensificou-se o trabalho com enciclopédias e compêndios, servindo de referência comum aos pesquisadores da religião (Frank USARSKI, 2013, p. 58). Dentre os nomes destacados nesse âmbito estão Alfred Bertholet (1868-1951), Johannes Edvard Lehmann (1862-1930) e James Hastings (1852-1922).

No decorrer da história da área, uma discussão que ganhou espaço entre os estudiosos e pesquisadores foi acerca da definição de religião. Nos primeiros momentos, a palavra religião já era automaticamente ligada ao cristianismo, visto como uma crença superior às demais. Filoramo e Prandi (1999, p. 253), ao citar Schleiermacher em seus discursos *Sobre a religião*, afirmam que ele recomendava aos “intelectuais que a desprezam” que não abordassem apenas uma religião para não incorrerem em avaliações apressadas e imprecisas, manifestando implicitamente certo grau de impaciência com a identificação do termo com o cristianismo e o desprezo pelas demais manifestações do sagrado. Uma abordagem respeitando a riqueza e a multiplicidade das diversas crenças é a ideal no desenvolvimento de um amplo conhecimento.

Wouter J. Hanegraaff (2017, p. 206), ao tratar de definições, elenca várias pessoas que tiveram papel fundamental nesse embate. Os que trabalharam com “religião”, elencou Emile Durkheim, Clifford Geertz, Melford Spiro, J. Milton Yinger e Jan Platvoet; já com “sagrado”, Rudolf Otto, Mircea Eliade, Lynda Sexson e Gregory Bateson. Sexson, a única mulher citada, escreveu *Ordinarily Sacred* (1982), um livro original, mas que, segundo o autor, dificilmente se encaixaria nas categorias metodológicas convencionais, dentre outros motivos, por estar permeado por uma rejeição às abordagens “dualistas” para religião e sagrado, e uma defesa das alternativas “holística”, afirmando, por exemplo, que nada é inerentemente sagrado ou profano, sendo tal pensamento construído com base em sua escolha de métodos.

Diante de um panorama histórico e da explanação acerca das fases e principais debates pode-se observar um padrão que foi repetido ao longo dos anos. Tendo em vista a menção aos principais nomes que contribuíram para a construção das Ciências das Religiões, o caráter colonialista da área reflete nos pilares até hoje considerados e estudados,



sendo um campo predominantemente marcado por relações de poder envolvendo o âmbito étnico, racial e de gênero.

3. A IMPORTÂNCIA DA DESCOLONIZAÇÃO TEÓRICA PARA TRAZER A MULHER ENQUANTO SUJEITO NA ÁREA

O processo de colonização, onde pessoas de determinado país se dirigem para outra região com a finalidade de explorar ou conquistar, geralmente vem seguida com a transferência da cultura e dos costumes. Além disso, tal processo acaba obrigando o povo colonizado a se ver hierarquicamente menor que o seu colonizador. De acordo com Mignolo (1992, p. 12) a repressão colonizadora recai nos modos de conhecer, de produzir conhecimento, perspectivas, símbolos, dentre outras coisas.

Confirmando tal pensamento, porém sob uma visão mais específica, Frantz Fanon, em sua obra *Pele negra máscaras brancas* (1963), trata do olhar colonizador sob o negro. No primeiro capítulo ele afirma que todo povo colonizado toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana, nascendo um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural (2008, p. 34). Tal consequência da colonização se estende aos demais grupos atingidos e um complexo de inferioridade tende a se perpetuar.

Como visto, na história das Ciências das Religiões, a colonização foi um processo que culminou na curiosidade, e conseqüentemente, no estudo, por outras culturas e religiões.

Para a história da Ciência da Religião na sua qualidade de “filha emancipada da teologia” é importante ressaltar que nem sempre os eruditos filológicos dedicaram-se a uma tradução por intenções meramente acadêmicas. Em vários casos os resultados de pesquisas filológicas foram “efeitos colaterais” função da missão ou do colonialismo. (Frank USARSKI, 2003, p. 19)

Assim, tinha como consequência, como já mencionado, o anseio pela descoberta acerca da cultura e da religião dos povos colonizados. O problema é que, tal visão acerca do diferente vinha junto com uma visão de superioridade, e tal posicionamento se reflete até hoje, inclusive nas produções de conhecimento. Djamilia Ribeiro, ao tratar da vivência sob a perspectiva dos grupos colonizados, afirma que:



As experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratados de modo igualmente subalternizados, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente. Isso, de forma alguma, significa que esses grupos não criam ferramentas para enfrentar esses silêncios institucionais, ao contrário, existem várias formas de organização políticas, culturais e intelectuais. A questão é que essas condições sociais dificultam a visibilidade e a legitimidade dessas produções. (Djamila RIBEIRO, 2019, p. 63)

De acordo com Quijano, a crítica ao paradigma europeu de racionalidade e modernidade é indispensável. Ele ainda enfatiza a necessidade de uma descolonização epistemológica:

En primer término [es necesaria] la decolonización epistemológica, para dar paso luego a una nueva comunicación ínter-cultural, a un intercambio de experiencias y de significaciones, como la base de otra racionalidad que pueda pretender, con legitimidad, a alguna universalidad. Pues nada menos racional, finalmente, que la pretensión de que la específica cosmovisión de una etnia particular sea impuesta como la racionalidade universal, aunque tal etnia se llama Europa occidental. Porque eso, en verdad, es pretender para un provincianismo el título de universalidad. (Aníbal QUIJANO, 1992, p. 447)

Uma alternativa à produção de conhecimento colonial vem sendo a ideia de pós-colonialismo, que expressa exatamente uma contraproposta epistemológica ao pensamento único, que alimentou o projeto de expansão europeia e o mito da atual modernidade (José Roberto Alves LOIOLA, 2011, p. 161). Utilizando essa expressão em seu texto presente na obra *Compêndios da ciência das religiões*, Wirth a define como sendo a

(...) persistência atual de formas diversas de dominação oriundas dos centros coloniais, antigos e atuais, que se evidenciam na imposição de estruturas hierárquicas de classificação, de controle das relações de trabalho, de valorização dos processos de produção de conhecimento, com critério de fundo étnico, racial e de gênero, como relações práticas de poder, mas sempre naturalizadas no plano discursivo. (Lauri Emilio WIRTH, 2013, p. 130)



Uma epistemologia pós-colonial é um modo de resistência às formas de poder estabelecidas e perpetuadas pelo colonialismo. Tal resistência pode ser construída questionando formas de poder como o machismo e a exclusão de certos grupos sociais. Apesar disso, essa vertente não pretende construir um estudo paralelo, mas sim, construir novos horizontes e dar visibilidade a pesquisadores, autores e estudiosos dos mais variados lugares sociais. Assim,

Os estudos pós-coloniais não pretendem propor epistemologias alternativas, mas contribuir com a construção de um pensamento contra-hegemônico a partir de múltiplos lugares epistêmicos subalternizados pelo poder colonial. Trata-se, portanto, da construção de novos horizontes de plausibilidades, a partir das alteridades subsumidas e ocultadas pelo lento e longo processo de consolidação do sistema mundial que vivemos hoje. (Lauri Emilio WIRTH, 2013, p. 139)

O cientista das religiões, desse modo, tem a opção de escolher por qual viés quer seguir com a sua pesquisa. A descolonização, tida como um conjunto indeterminado de estratégias de contestação, objetiva uma mudança radical nas formas hegemônicas atuais de poder, ser e conhecer. Assim, a epistemologia descolonial seria um modo de transformar o nosso pensamento, ressignificar tudo o que conhecemos ou vivenciamos e, dessa forma, auxiliar outros nesse caminho de oportunidades iguais.

Está posto, pois, um desafio ético que articula rigor acadêmico e solidariedade com vítimas do sistema colonial. Podemos optar por epistemologias que escondem a convivência das ciências hegemônicas com a produção de injustiças, ou podemos articular as múltiplas verdades gestadas na cotidianidade das vítimas, com suas ambiguidades, contradições, assimetrias e, assim, alargar os estudos das religiões para múltiplos sentidos de estar no mundo, todos historicamente situados e incompletos. (Lauri Emilio WIRTH, 2013, p. 141)

Tendo como inspiração uma epistemologia pós-colonial, no caso da presente discussão, pode-se promover uma intersecção com gênero, propondo o que alguns chamam de estudos feministas. Gênero, segundo Scott (1990, p. 86) possui uma definição que conecta duas



proposições: enquanto elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e como uma forma primária de dar significado às relações de poder. Segundo a autora, o gênero é uma categoria de análise importante para a ressignificação da epistemologia. Além disso, gênero, como categoria de análise, propõe novos temas, novos objetos e novas questões às Ciências da Religião, tais como, bruxaria, prostituição, aborto, parto, maternidade, saúde, sexualidade (Ana Ester Pádua FREIRE, 2015, p. 382).

Tal viés aplica uma hermenêutica de suspeição, desconstruindo o formato do saber tradicional, adotando como ponto de partida o postulado segundo o qual, no domínio das ciências religiosas como em outros domínios, o saber tradicional, no seu conteúdo e seu método, é pelo menos incompleto, se não sempre estruturalmente deficiente pelo fato de sua forma e transmissão se darem em instituições de dominância masculina. (Elisabeth J. LACELLE, 2002, p. 14).

Até esta feita, nos termos trazidos neste artigo, podemos entender de forma conjuntural a abrangência do tema, como vemos na obra de Gerda Lerner o que se segue:

Assim como os homens, as mulheres são e sempre foram sujeitos e agentes da história. Uma vez que as mulheres são metade e às vezes mais da metade da humanidade. As mulheres são e foram peças centrais, e não marginais, para a criação da sociedade e a construção da civilização. Também dividiram com os homens a preservação da memória coletiva, que dá forma ao passado, tornando-o tradição cultural, fornece o elo entre gerações e conecta passado e futuro. Essa tradição oral foi mantida viva em forma de poemas e mitos, que tanto homens quanto mulheres criaram e preservaram em folclore, arte e ritos. (Gerda LERNER, 2009, p.28).

Bourdieu (2012, p. 18) afirma que a força da ordem masculina dispensa justificção, pois a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos para legitimá-la. Assim, nesse contexto, o desenvolvimento de uma epistemologia feminista é um ponto interessante a ser abordado, pois questiona os aportes usados pela ciência, que acabam por corroborar com uma ciência universalizante, branca, androcêntrica e ocidental. Tal abordagem também levanta

questionamento quanto às relações de poder outrora estabelecidas nas formas de conhecimento vigentes, sendo contrária a posição hegemônica do conhecimento produzido.

Djamila Ribeiro (2019, p. 28), ao citar a filósofa panamenha Linda Alcoff, afirma que esta chama a atenção para o fato de que:

(...) para descolonizarmos o conhecimento, precisamos nos ater à identidade social, não somente para evidenciar como o projeto de colonização tem criado essas identidades, mas para mostrar como certas identidades têm sido historicamente silenciadas e desautorizadas no sentido epistêmico, ao passo que outras são fortalecidas. Seguindo nesse pensamento, um projeto de descolonização epistemológica necessariamente precisaria pensar a importância da identidade, pois reflete o fato de que experiências em localizações são distintas e que localização é importante para o conhecimento. (Djamila RIBEIRO, 2019, p. 28)

A colonização, conforme conhecemos desde cedo na escola, é mais devastadora do que muitas vezes pensamos. Ela, conforme foi visto, altera o modo de certas pessoas pensarem e se posicionarem socialmente. Assim, ser colonizado é viver com incertezas identitárias e históricas, com trajetórias comprometidas por perdas que geram inseguranças em suas escolhas (Fernanda Pontes PRETO, Helen PINTO, Josiane ANDRADE, 2016, p. 5). Dessa forma, é preciso observar e levar em consideração os lugares sociais em que cada um está inserido, firmando suas identidades de acordo com cada realidade a fim de promover uma ciência rica em sua multiplicidade.

4. CONCLUSÃO

O surgimento das Ciências das Religiões possui uma marca difícil de negar. Ao desbravar os oceanos e as novas terras, os europeus se depararam com culturas e diferentes manifestações do sagrado. Textos, escritos e tradições os levaram a buscar conhecer o novo e a filologia contribuiu fortemente para isso. Ocorre que, tais estudos não surgiram com um olhar de igualdade, mas de superioridade. Com pretexto de doutrinar ou “civilizar” o povo colonizado, essa postura moldou a forma de pensar a experiência religiosa, criando uma epistemologia



que subalternizou o diferente e o colocou em um patamar hierarquicamente menor.

Tal padrão atinge não somente o território em si, mas também os modos de conhecer, de produzir conhecimento, perspectivas, símbolos e comportamentos. Essa fase histórica marcou uma época, mas seus reflexos podem ser vistos no decorrer dos anos até hoje em dia.

Assim as Ciências das Religiões, enquanto área de saber científico, foi sendo construída. Tendo como “pai” Max Muller e nenhuma “mãe”, os nomes destacados entre filólogos, professores, teólogos e pesquisadores como referência são uma lista vasta de homens. Dessa forma, a mulher foi sendo posta na área como o “outro”, sendo definida a partir das figuras masculinas, os sujeitos, em um mundo que, apesar das reivindicações e avanços, ainda pertence a eles.

Diante disso, é proposta uma epistemologia pós-colonial, com o objetivo de observar a área a partir de outras perspectivas, de outros lugares sociais, contribuindo com um pensamento contra-hegemônico, trazendo à tona grupos subalternizados ao debate acerca da religião e promovendo uma desconstrução, como também a reconstrução da ciência a partir de padrões igualitários de investigação.

Além disso, cruzando tal discussão com gênero enquanto categoria útil de análise histórica, também é exposta uma epistemologia feminista, pois, tendo o colonialismo atingido esferas de fundo étnico, racial e de gênero, estabelecendo relações de poder, as mulheres podem começar a se enxergar enquanto “sujeito” e o mundo acadêmico pode ser também o seu mundo.

Dessa forma, cabe a nós, cientistas das religiões, optar por epistemologias inclusivas que venham a promover a igualdade. As marcas históricas muitas vezes nos impedem de ver além, mas nós podemos, como disse Wirth, vincular o rigor acadêmico e a solidariedade com as vítimas do sistema colonial para criar uma área livre das amarras do colonialismo.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2016
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.



- FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. **As ciências das religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.
- FREIRE, Ana Ester Pádua. **Epistemologia feminista: contribuições para o estudo do fenômeno religioso**. In: Paralellus, Recife, v. 6, n. 13, p. 377-390, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/647/607>. Acesso em: 16 de janeiro de 2020.
- HANEGRAAFF, Wouter J. **Definindo religião apesar da história**. In: Religare, v.14, n.1, 2017, p. 202-247.
- LACELLE, Elizabeth J. **As Ciências Religiosas Feministas: estado da questão**. In: Revista de Estudos da Religião, n. 1. p. 12-55. 2002. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv1_2002/p_lacell.pdf. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.
- LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado: História da Opressão das Mulheres pelos Homens**. São Paulo: Cultrix, 2019.
- LOIOLA, José Roberto Alves. **Pós-colonialismo e religião: possibilidades e métodos**. In: Caminhos, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 159-174, jan./jun. 2011, p. 159-174. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/1523>. Acesso em: 10 de janeiro de 2020.
- MIGNOLO, Walter. **El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura**. Um manifesto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón. El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Sigilo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. Disponível em: <http://www.unsa.edu.ar/histocat/hamoderna/grosfuguelcastrogomez.pdf> Acesso em 11/08/2016.
- PRETO, Fernanda Fonte; PINTO, Helen; ANDRADE, Josiane. **Da colonização à descolonização: conhecimento, pensamento e poder**. In: XII Semana científica Unilasalle. Disponível em: <https://anais.unilasalle.edu.br/index.php/sefic2016/article/viewFile/300/241>. Acesso em 15 de janeiro de 2020.
- QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad y modernidad/racionalidad**. En Heraclio Bonilla (comp.). Los conquistados. 1492 y la población indígena de las Américas. Quito: Libri Mundi, Tercer Mundo, 1992.
- RIBEIRO, Djamilá. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. In: Educação & Realidade, v. 1, n. 2, jul./dez. 1990. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 15 de janeiro de 2020.
- USARSKI, Frank. **O caminho da institucionalização da ciência da religião: reflexões sobre a fase formativa da disciplina**. Vol. 2. nº3. Ed Religião e cultura. 2003.
- _____. **História da Ciência da Religião**. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. Vol. 1. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013.



WIRTH, Lauri Emílio. **Religião e epistemologias pós-coloniais**. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (Orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. Vol. 1. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013.

Submetido em: 31-3-2020

Aceito em: 6-5-2020